

EDITORIAL

Ler os antigos não é uma operação trivial em qualquer ramo do saber, menos ainda em Filosofia, posto que é uma atividade que se constrói em permanente interação com o seu passado. O ato de filosofar é sempre uma rememoração da atenção “conceitualizante” que a própria filosofia, desde as suas origens, dedicou à realidade ou, para dizer o mesmo em linguagem aristotélica, ao que é. Mas o ato de filosofar é também uma decisão de filosofar, que cria o espaço discursivo e se desvela ao pensamento que o apreende.

A filosofia é *anamnética*, os indivíduos e as sociedades não podem viver sem recuperar seu passado para nele buscar e encontrar as razões da sua vida presente. Mas ela tem uma dimensão prospectiva, sem nenhuma concessão ao profetismo, que consiste em assumir a tarefa de *pensar* rigorosamente seu passado, unir *anámnesis* e *nóesis* e reinventar os problemas que lhe deram origem. As diferentes maneiras de ler os antigos são determinadas pela diversidade de interesses que movem a leitura.

Filarco não lia a história da mesma maneira que o seu contemporâneo Políbio, e é isso que podemos constatar a partir da análise de Battistin Sebastiani; e não se pode esperar que a leitura foucaultiana dos antigos tenha muito a ver com a de Aristóteles ou sobre os que o precederam. Se, por um lado, é legítimo estabelecer paralelos entre os antigos e os modernos, por outro é preciso cuidar para que as aproximações não incorram em anacronismos simplificadores de ambos os lados. É esse cuidado que encontramos nas reflexões de Fabiano Incerti, que aproxima Plutarco e Foucault, e de André Constantino Yazbek, sobre o modo como Foucault interpreta o tema do cuidado em dois diálogos platônicos. Como fica claro nesses exercícios de pensamento e repensamento é que a apreensão “conceitualizante” da realidade, em qualquer momento da sua história.

Concebido como rememoração noética, o ato genuinamente filosófico pode voltar-se para a História da Filosofia até mesmo mais de uma vez, para redescobrir as virtualidades do pensamento ou, o que é o mesmo, do discurso. É o que justifica a reflexão sobre o problema do discurso falso em Platão, proposta por Silvana G. Di Camillo, e o olhar, uma vez mais, sobre a Ética de Aristóteles para redescobrir a coerência da sua concepção de felicidade, o que faz João Hobuss. E também a poesia sendo lógos, Jovelina R. de Souza repensa a *poiésis* platônica, a partir da sua história pré-filosófica.

HYPNOS

ANO 13 / Nº 19 – 2º SEM. 2007 – São Paulo

VI Para concluir, dois outros textos deste número 19 da *Hypnos* apontam para o exercício de releitura de questões que já entraram para o patrimônio comum da Filosofia. Giuseppe Mazzara nos convida a repensar a figura e o ensinamento de Sócrates a partir do procedimento de interrogação irônica como critério hermenêutico, e Ciro Marcondes Filho, por sua vez, propõe uma releitura do conceito filosófico do não-idêntico de Theodor Adorno indicando eventuais incongruências ou contradições epistemológicas insolúveis. Como se vê, subjacente a todas as contribuições apresentadas neste número está a convicção de que a especificidade “amamnético-noética” do ato de filosofar é o que pode fazer da leitura dos filósofos um ato criativo de novas perspectivas de compreensão. Quando o exercício da Filosofia não se reduz ao trabalho, meritório por outras razões, de Arqueologia ou da mera Filologia, ele pode contribuir para a transformação da realidade porque, afinal de contas, a realidade compreendida não é mais a mesma de antes da compreensão.

Marcelo Perine
(conselho editorial)